

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-283****HIPERTERMIA MALIGNA EM CÃO ANESTESIADO COM ISOFLUORANO: RELATO DE CASO**

Vivian Fernanda Barbosa¹; Ana Paula Goes Coelho²; Talita dos Santos Lima³; Carlos Hiroshi Duarte Iwassa³

¹Prof. Departamento de Anatomia, Patologia e Clínicas da UFBA, ²Aluna da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), ³Residente em Anestesiologia Veterinária da UNIME, ⁴Médico Veterinário Anestesiologista.

A hipertermia Maligna (HM) é uma afecção farmacogenética de caráter hereditário caracterizada como uma síndrome hipermetabólica do músculo esquelético induzida por anestésicos inalatórios halogenados ou relaxantes musculares despolarizantes, resultando em contrações musculares contínuas e consequente produção de dióxido de carbono (CO₂), ácido láctico e calor. Em animais, é considerada rara, de gravidade progressiva, com diagnóstico preciso difícil e expressividade clínica de início repentino após a exposição ao anestésico, podendo permanecer por horas findada a inalação. Foi atendida no hospital veterinário da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura uma cadela golden retriever, com seis anos de idade e 25 kg, atropelada há dois dias, hígida nas avaliações hematológica e bioquímicas hepática e renal, com diagnóstico tomográfico de subluxação vertebral torácica, sendo destinada à laminectomia dorsal com estabilização. A paciente foi previamente medicada com morfina (0,5 mg/kg IM) e acepromazina (0,03 mg/kg IM), procedendo-se a indução anestésica com propofol (4,7 mg/kg IV) e a manutenção com isofluorano, em oxigênio a 100%. O animal foi estabilizado em plano 3 do estagio III, segundo Guedel e permaneceu sem qualquer fonte externa de calor, em ventilação espontânea, com padrão e frequência respiratórios estáveis. Ao longo de duas horas e trinta minutos foram observadas manifestações clínicas sugestivas de HM com aumento progressivo, ultrapassando os valores referenciais, dos seguintes parâmetros: frequência cardíaca (FC), temperatura esofágica (T°C) e pressão parcial de CO₂ expirado (ETCO₂), porém, sem alteração da pressão arterial (PA). O decréscimo e posterior estabilização dos parâmetros alterados só foram alcançados após interrupção do fornecimento do halogenado e resfriamento ativo externo da paciente. O reconhecimento da síndrome por meio das variáveis avaliadas, bem como, a interrupção do fornecimento do isofluorano e o resfriamento foram eficazes e suficientes para o restabelecimento clínico do animal.

Palavras-chave: anestesia, cães, halogenado, temperatura.

mucopurulenta em região lombar, torácica, membro anterior, pavilhão auricular, conduto auditivo externo e língua. Os exames complementares incluíram: citologia aspirativa com agulha fina, cultura e antibiograma da secreção das lesões, hemograma e bioquímica sérica. A citologia sugeriu inflamação piogranulomatosa séptica, e na cultura houve crescimento de colônias mistas de *Staphylococcus epidermitis* e *Staphylococcus aureus*. Nos exames sanguíneos não foram visualizadas alterações. Inicialmente foi instituída a antibioticoterapia com cefalexina (30mg/kg PO BID), prednisona (2mg/kg PO SID) e omeprazol (1mg/kg PO SID). Na reavaliação em 15 dias as lesões não apresentavam mais secreção, porém ainda estavam ulceradas. A terapia antimicrobiana foi interrompida e a dose da prednisona foi reduzida (1mg/kg PO SID). Foi acrescentado azatioprina (2,5 mg/kg PO SID) e o uso tópico de betametasona TID. Após 20 dias, não ocorreu melhora do quadro clínico, optando-se pela exérese dos nódulos após descarte de possíveis metástases através de radiografia torácica e ecografia abdominal. Os nódulos foram encaminhados para histopatologia caracterizando histiocitose cutânea. No momento da remoção dos pontos a paciente já apresentava novos nódulos nas fissuras labiais. Fora orientado a necessidade de quimioterapia, porém o responsável já não demonstrava mais interesse em prosseguir o tratamento. O mesmo não retornou mais para atendimento. Seis meses após o procedimento cirúrgico, o proprietário ressaltou que a paciente havia vindo a óbito em três meses, sendo diagnosticado em outro local com inúmeras neoplasias abdominais. Mesmo sendo uma enfermidade raramente invasiva e metastática, quando presente nessa forma, o prognóstico é desfavorável, não existindo opções terapêuticas satisfatórias.

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-285****INFLUÊNCIA DA TÉCNICA CIRÚRGICA NA SOBREVIDA, INTERVALO LIVRE DE DOENÇA E SURGIMENTO DE NOVAS LESÕES EM CÃES COM TUMORES MAMÁRIOS**

Rodrigo dos Santos Horta; Gleidice Eunice Lavalle; Larissa Layara de Moura; Mariana de Pádua Costa; Fernanda Camargo Nunes; Roberto Baracat de Araújo

O presente trabalho avaliou a influência da abordagem cirúrgica, na sobrevida, intervalo livre de doença e de surgimento de novas lesões em cães com tumores mamários tratados de acordo com os fatores prognósticos estabelecidos na literatura. Para tanto, 143 cadelas, não castradas, foram submetidas à cirurgia para o tratamento de tumores mamários com o procedimento cirúrgico mais simples e menos invasivo necessário, sendo lumpectomia (P1), mastectomia simples (P2), mastectomia regional sem envolvimento da mama abdominal cranial (P3), mastectomia regional com envolvimento da mama abdominal cranial (P4) e mastectomia radical unilateral (P5). Os pacientes foram acompanhados por um período médio de 739,5 dias. Das 143 cadelas, apenas 33 (24,8%) desenvolveram novos tumores no tecido mamário remanescente. Não houve diferença no surgimento de tumores ipsilaterais e contralaterais quando as técnicas cirúrgicas foram comparadas. Durante a realização deste estudo, apenas quinze, dos 33 animais que desenvolveram novas lesões no tecido mamário remanescente após a primeira exérese tumoral, foram submetidos à nova cirurgia, mas não houve correlação entre as lesões e em apenas cinco (33,3%) cadelas foi observado o mesmo tipo histológico nas duas cirurgias. Nenhum dos pacientes submetidos à lumpectomia e mastectomia simples veio à óbito por motivo da doença ou desenvolveu sinais da doença durante o estudo. Houve maior sobrevida ($p < 0,03$) e maior intervalo livre de doença ($p < 0,05$) nos pacientes dos grupos P1 e P2, quando comparados com P5. Esse

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-284****HISTIOCITOSE CUTÂNEA – RELATO DE CASO**

Mariana Dalla Palma; Bianca Silva Medeiros; Heloísa Helena de Alcântara Barcellos; Veridiane da Rosa Gomes; Gisandra de Fátima Stangherlin; Carlos Eduardo Bortolini

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo um canino, fêmea, 11 anos, SRD, 10,5 kg apresentando nódulos cutâneos ulcerados. Alguns já haviam sido removidos cirurgicamente em outro estabelecimento, apresentando recidivas em cerca de três meses. O histopatológico sugeriu o diagnóstico de histiocitoma cutâneo e dermatite actínica secundária. Ao exame físico não foram encontradas alterações relevantes, exceto linfadenomegalia submandibular bilateral. Porém, foram visualizadas lesões nodulares em forma de botão, coloração rósea, firmes, não aderidas e ulceradas, com secreção